

EDITORIAL

No terceiro trimestre do ano, temos a mudança de estações, do inverno para a primavera. Nesta época, considerada a festa das flores, a Orquidário realiza sua exposição anual, que coincide com a entrada da primavera. O atraso da revista, entre todas as consequências danosas, permite que façamos uma análise da exposição, o que traz um ponto positivo a este atraso. A 2a. Exposição de primavera da Orquidário se caracterizou, mais uma vez, pela inovação. Todos na Orquidário, e em especial seus diretores, sempre acharam que a disposição das plantas em cavaletes nas exposições não é a forma ideal, por não permitir a formação de conjuntos e muito menos dar profundidade a eles. Especialmente para o grande público que muitas vezes não é capaz de valorizar uma orquídea por si só, isolada num cavelete, ainda mais se não for algo como uma vistosa *Cattleya* híbrida, a disposição das plantas em arranjos por cor, tipo, ou qualquer outro padrão torna as exposições bem mais agradáveis. E devemos ter isto em mente, as exposições, em sua maioria, são para o grande público, de onde quiçá alguns se interessarão por orquidofilia. Assim, a primeira exposição teve as plantas organizadas em cubos de diferentes tamanhos e alturas. A 2a. Exposição teve tudo arranjado em estruturas montadas com bambu e bacias de amianto pintadas, formando arranjos irregulares por onde os visitantes caminhavam entre grupos de plantas arranjadas em grupos de diferentes posições. O impacto visual final foi de agrado de todos e aqui é importante tomar público o agradecimento a todos que contribuíram de alguma forma para o sucesso do evento.

Mas, esta época do ano não é um "mar de rosas", para as orquídeas em seus habitats naturais. Na primavera, a estação seca, principalmente nas regiões centrais do Brasil, está nos seus meses finais, o que significa que em algumas áreas temos já mais de seis meses de seca. Com isso, o maior inimigo das orquídeas brasileiras atinge seu auge: o fogo. Essas queimadas periódicas vem já de longa data, mesmo os índios no passado já adotavam a prática, nas regiões de cerrado, como atestam registros fósseis. Basicamente, as queimadas produzem dois tipos de efeito nas plantas. Para as orquídeas epífitas, tais como *Laelia sincorana* na serra do Sincorã, BA, e *Cattleya nobilior*, nos cerrados de Mato Grosso e Goiás, o fogo produz destruição total, milhões de plantas todos os anos. O segundo tipo de efeito é adaptativo. Muitas orquídeas terrestres vivem entre vegetação gramínea, muitas vezes não recebendo luz suficiente para florir. O fogo então atua de duas formas: após o fogo, a ausência desta vegetação gramínea, destruída, permite que as plantas recebam luz suficiente para florir, e de fato florescem logo após a queimada, e nenhum exemplo é melhor do que o das espécies terrestres de *Cyrtopodium* nas serras do Cipó, em Minas Gerais, e do Sincorã. O segundo efeito é que o fogo quebra a dormência de gemas, efeito este também produzido em arvoretas do cerrado. Isso facilita a floração, e de fato quem já cultivou esses *Cyrtopodium* sabe como são difíceis de florescer no conforto de nossas estufas e mesmo no jardim, a pleno sol.

A destruição causada pelo fogo não dá mostras de que vai diminuir no futuro, principalmente porque o tipo de vegetação que se estabelece nestas áreas tende a ser de ciclo anual, o que facilita estas queimadas cíclicas. Quanto ao fogo em si, quase sempre é ateuado propositalmente, pois a dura realidade constatada é que quem habita estas regiões muitas vezes tem mesmo prazer em ver a queimada, e de outras vezes é muito mal orientado.

De qualquer maneira, o problema é cultural e muito arraigado na população do interior. É fato que, para prover conhecimentos é necessário primeiro existirem professores qualificados, o que não é o caso nestas regiões. Isso tudo traça um quadro muito obscuro para as nossas orquídeas nativas, e ao invés de as pessoas gastarem tempo precioso apenas pondo a culpa nos mateiros e orquidários comerciais, deviam se lembrar que os primeiros logo estarão de empregados pela simples destruição dos habitats, pois sem as matas, cerrados e campos naturais, não haverá mais orquídeas a serem admiradas pelas futuras gerações. O papel dos orquidófilos e entidades que os congregam é muito maior do que se pode imaginar. Qualquer pessoa que seja esclarecida sobre os danos causados pelo fogo é um aliado, que já ajuda simplesmente se evitar ele mesmo contribuir para essa sanha destruidora. Devemos ter sempre em mente que a extinção de uma espécie é um caminho sem volta.

FRANCISCO MIRANDA